



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

6 de Setembro de 2003 • Ano LX • N.º 1552
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Malanje

Já não sabemos plantar uma couve!

NÃO vi crianças nos jardins de Portugal. Muitos carros nas estradas. Nos supermercados, maçãs espanholas, envernizadas e sem gosto... Depois, os campos abandonados e feios. Quintais sem couves — já não sabemos plantar uma couve! Entrei numa fábrica, somente vi operários de Leste... Um amigo não fez a colheita da cereja por não ter conseguido mão-de-obra a um preço razoável. Onde vais Portugal? Fiquei confuso e triste.

Salvam-nos as flores. Flores nos postes, nos jardins das casas e públicos... As flores disfarçam. Recordo uma velhinha assistida pela Confrência Vicentina, que tinha as suas roseiras e as tratava como filhas.

Pois, muitas flores neste Portugal florido! Mesmo na berma de um campo que podia dar pêssegos vermelhos, uma sebe de buganvílias.

Futebol, sim: nas ruas, nos campos, nos jornais, nas refeições de família, nas televisões que temos, nos negócios e, até, em livros. Também nos milhões, em contraste escandaloso com os milhões de magros salários.

Em Lisboa, já a caminho do avião para Angola, uma história triste: Uma mãe que perdeu o marido e «ganhou» uma dívida de três mil contos. Ela trabalha. O banco tomou conta do seu magro vencimento e não se compadece. Coração de pedra.

Continua na página 3



Comandar animais é a primeira escola de chefia

SETÚBAL

Chefes de nossa Casa

DAMOS graças a Deus pelos rapazes nossos que aceitaram o convite que se lhes fez, de serem chefes na nossa Casa. A massificação em que actualmente vive a sociedade, talvez seja maior do que nunca. Numa massa em que se diluem os indivíduos; sem protagonismo destes nem força daquela.

Este fenómeno não podia deixar de ter influência entre nós. Apesar disso, os rapazes chamados às grandes responsabilidades na Casa, geralmente assumem e cumprem.

A Casa do Gaiato não pode existir sem chefes. É obra deles, para eles, por eles. Muitos não compreendem e queriam-nos encaixar noutros padrões. Impossível!

Também isto seria a diluição. Numa obra destinada a eles, eles sem qualquer protagonismo?! A máquina social cuidaria de tudo!

Continua na página 3

Património dos Pobres

VEIO, há dias, uma viúva com duas meninas gémeas ainda pequeninas, mas a andar desembaraçadamente, à procura do superior. Aqui não há superiores. Somos todos inferiores. Só Deus nosso Pai é Superior. Nós somos todos irmãos.

O mundo tem as suas ideias e a vida as suas regras.

Foi Padre Manuel Mendes quem a atendeu e lhe satisfez logo as necessidades imediatas. Ao outro dia voltou. Estava, de manhã, à minha espera. Não a pude atender logo. Aguardou tanto que se foi embora. À tarde, reapareceu, outra vez, e teve de esperar. Quando a recebi pedi-lhe perdão. Não foram as inutilidades que me distraíram, somente urgências, mas doeu-

-me muito a expectativa quando a contemplei vestida de negro rodeada das filhinhas.

O marido morreu-lhe no estrangeiro, em desastre de viação, de que fora culpado. Viviam razoavelmente. Compraram casa com empréstimo bancário. O esposo emigrara e ganhava bem. Ela ficara em casa com as filhas!

De repente tudo se desmoronou. Sem família a que se agarrar com a Segurança Social demasiadamente burocrática e demorada e porque a casa está só em seu nome, a renda começou a afligi-la.

Dei-lhe, para três meses já vencidos, oitocentos e muitos euros.

Que irá ela fazer agora para que a sua casinha, mobilada e decorada como em fotografias me mostrou, não vá parar às mãos da banca?!...

O Património tem feito as suas feridas. É necessário continuar a fazê-las. Sem sangue, nada!

«*Senhor fulano acabo de ler n' O GAIATO, número 1544, de 17/05/2003, a impressionante descrição que faz daquela mãe, santa e heróica, com dez filhos (um dos quais adoptado) que lhe foi pedir ajuda para transformar o pardieiro em que vivia numa casa modesta, mas habitável.*

Ficamos "esmagados" com tanta grandeza da alma, em confronto com a banalidade, perversão e egoísmo que se palpa à nossa volta.

É uma réstia do Céu sobre o pântano em que este mundo se vai afundando.

Assinante d' O GAIATO, há dezenas de anos, quando não consigo tempo para ler o "Famoso" logo que ele chega, guardo-o sobre a minha secretária até surgir a oportunidade de o "devorar". Isto explica que só agora reaja.

Pergunta nesse texto: — «Queres colaborar?»

Só tenho pena de ser tão modesta a colaboração que ofereço, mas permito-me

Padre José Maria

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Mãe de família doente

Amãe de família desta Casa está doente. Após quatro semanas na procura de um tratamento capaz, em Maputo, preferiu mais segurança nos médicos do Brasil, de onde é. No Rio de Janeiro temos o Dr. David (agora bolseiro da ONU em Paris) que, há anos, passa aqui as suas férias e a Dra. Laura que, em menina, viveu em Moçambique e após a conclusão do Curso, esteve connosco um mês, trabalhando com a Maria José nos Postos de Saúde. Estes dois Amigos a encaminharam para o seu professor da especialidade, no Rio. Homem profundamente cristão, tem feito, gratuitamente, todos os exames pertinentes, sem contudo obter qualquer resultado com medicamentos e dieta. Chama-se síndrome de Khrön e parece que vai acompanhá-la para o resto da vida, obrigando-a a reduzir muito o seu trabalho porque, precisamente, a doença é fruto do excesso de preocupações das muitas actividades em que está envolvida e das preocupações com tudo e com todos.

É uma doença estranha que a inibe de qualquer actividade, levando a doente a uma profunda prostração, por nem sequer poder sair do quarto. É caso para dizer que quase se matou a trabalhar, e logo num momento em que os problemas que nos envolvem estão a crescer. Este ano tem morrido tanta gente à nossa volta! Uns, vítimas da sida; outros, da fome; outros, nem se chega a saber de quê, apesar de os Postos de Saúde não recusarem remédio a nin-

guém e, até, providenciarem de imediato transporte ao Hospital, quando é o caso. Tem morrido muita gente em todas as aldeias onde trabalhamos e todas estão consideradas zonas de risco, estando a nosso cargo a distribuição de milho, que o PAM nos entrega, para minorar a fome. Mas além disso estamos empenhados em fomentar hortas, muitas delas no nosso terreno, onde as mães cultivam hortaliças para consumo e venda. Um tractor dos nossos passa o dia transportando água para os depósitos de dez mil litros, donde as mães diariamente vão aguar as suas culturas. Nas hortas das Creches, se fazem os viveiros de plantas que são entregues, conforme cada uma vai podendo cuidar da sua horta. Isto não é apenas para dar um apontamento das preocupações que ajudaram a contrair a doença. Pai Américo dizia: «É o coração que mata a gente. Mata, eu sei que mata». Não é propriamente do coração que a mãe dos nossos rapazes sofre, mas, sim, de uma doença intestinal que vai para dois meses e meio a impede de trabalhar.

Todos nós, quer na oração com os rapazes, como na Eucaristia de cada dia, não temos outra intenção que não seja pedir a Deus, por intercessão de Pai Américo, o remédio eficaz para que possa regressar aqui.

Os rapazes escrevem-lhe cartas, os mais pequeninos mandam-lhe desenhos, mas o mais importante, me parece agora, é que a vida da Casa tem corrido admiravelmente. Alguns mais carinhosos com ela vêm pedir para telefonar e ficam ao pé de mim aguardando as dez da noite de cá para entrarmos em comunicação. Ocasão bela para estreitar laços de amor àquela a quem chamam Mãe.

Padre José Maria

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

OS SEM VOZ — Há tempos, referimos o caso daquele pobre homem, funcionário da CP, que, entretanto, sofria de grave doença, estando completamente inutilizado. A esposa, porém, é uma santa mulher que trata o marido com muito amor, na medida do possível.

O casal recebe mísera pensão de reforma. Por isso, todos os meses lhe damos um donativo para alívio das dificuldades. Não fosse isto, como seria a vida desta gente?!

Por mais que ouçamos lérias sobre a Segurança Social, infelizmente há doentes praticamente esquecidos desse mundo que poderia aliviar os mais pobres, os carenciados, os mais doentes.

Há quantos anos a gente denuncia tudo isto que não há meio de ser colmatado!

Não é demagogia, o que a gente afirma. Estamos frente a casos concretos, dos sem voz, que poderiam e deveriam ser tratados com justiça social.

PARTILHA — Assinante 49154, de Cavada, Rossas, Arouca, presente com carta amiga: «Segue mais um embrulho com roupa e, com meu desejo, não quero o meu nome n' O GAIATO. Peço para me enviarem os livros Barredo e dois do Calvário. Valem mais do que aquilo que nós possamos enviar. O Calvário já o conheço. Por sinal, sabe bem a quem o ofereci depois de o ler, a uma religiosa que estava num Lar de terceira idade».

O assinante 49610, de Leiria, «vem mais uma vez dar uma pequenina ajuda para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Partilha do meu subsídio de férias, que desejo seja aplicado numa situação de pobreza que vós tendes sempre de atender.

Que Deus vos ajude a fazer tanto bem pelos mais desprotegidos. Estamos todos a viver uma situação de angústia neste País que teima não aplicar leis que serviriam de prevenção, por exemplo: dar trabalho a tantos reclusos e outros na manutenção das matas e pinhais e de toda a natureza que além de ser trabalho útil e agradável (o contacto com a natureza) os tiraria de tantos vícios. Mas ninguém vê o problema por este prisma. Os novos criaram negligência e ociosidade

inquietante e agora gastam-se milhões a reparar o que já não tem reparação. Por isso, a minha contribuição vai, como já é hábito, para ajudar aqueles que na sua filosofia de educação têm também a preocupação de criar nos mais novos o gosto por fazer alguma coisa de válido na vida... e de com esse trabalho, seja qual for, contribuir para melhorar este País que não quer abrir os olhos e a inteligência e ir às raízes do mal que nos assola».

Assinante 58051, do Porto: «Estando a ler, sempre com muito interesse, O GAIATO, ressalta a meus olhos a notícia do pedido de ajuda para contribuir para a conta da farmácia dos mais carenciados. Como também para a minha saúde gasto todos os meses verbas, Deus com a Sua infinita bondade mandame socorrer. Junto trinta euros para baixar um pouquinho a conta. Deus vos continue a dar Força Divina para ajudarem os mais carenciados».

O assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, manda um cheque de cem euros «como poio à vossa acção social». Retrimos «as cordiais saudações expressas».

Do Porto, a assinante 28053, com um cheque, «migalhinha para a vossa pequena reforma e os euros voam sem destino».

De Lisboa, 310 euros, da assinante 31104 «para o mais necessário. Ajuda à vossa heróica luta contra a pobreza que faz sofrer tantos dos nossos irmãos. Que o nosso Bom Deus continue a ajudar os Pobres. Rezem por mim».

Por fim, vinte e cinco euros da assinante 72561, de Leça do Bailio. Cinquenta euros da assinante 11856, do Porto. E setenta e cinco ditos, «contribuição referente ao mês de Agosto», da assinante 14493.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

SETÚBAL

FÉRIAS — Já terminou a época balnear para os nossos rapazes. Alguns ficaram com D. Conceição para fazer as limpezas na casa da praia. Para o ano haverá mais, se Deus quiser.

ESCOLA — Já estamos a preparar o novo ano escolar. Oito dos nossos rapazes vão frequentar o 10.º ano, em escolas profissionais; quatro, irão para o 11.º ano; um, irá

terminar o seu curso de cozinha; outro, terminará Engenharia do Ambiente; e os restantes continuarão a escolaridade obrigatória. Esperamos que todos obtenham bons resultados.

CARAS NOVAS — O Abel, de doze anos, foi o último rapaz a chegar. É muito amigo da bola e, por isso, lhe chamam «Mantorras», embora ele seja sportinguista. Esperamos que seja um bom companheiro.

CAMPO — Temos apanhado, da nossa horta, bom tomate e pimento para salada e para os cozinhados. Continuamos a fazer silagem de milho, que tem dado boa produção, graças a Deus.

VACARIA — Nasceram mais dois vitelos que estão a ser tratados pelo Miguel. Preferíamos que fossem vitelas, para que a nossa produção de leite, no futuro, fosse maior.

António Loureiro

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Todos nós, que lemos ou ouvimos ler a vida pública de Jesus, conhecemos o que se passou com aquele jovem que Lhe perguntou o que devia fazer para herdar a Vida Eterna.

Ele sabia a doutrina toda e fazia por cumprir-la. No entanto, Jesus diz-lhe: «Falta-te uma coisa; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos Pobres e terás um tesouro no Céu; e vem e segue-Me».

S. Marcos diz-nos que o jovem se retirou triste, porque possuía muitas propriedades.

Então, Jesus disse aos discípulos: «Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas!»

Depois, quando um dos discípulos Lhe pede para os ensinar a rezar, Jesus diz-lhe: «Quando orardes dizei: Pai, santificado seja o Teu Nome; venha a nós o Teu Reino; dá-nos, em cada dia, o pão quotidiano».

Como nós continuamos longe de podermos herdar a Vida Eterna...! Quanta juventude anda por aí perdida porque os papás e as mães os enchem de mimos! Ele são carros, são motos, são barcos, etc.

Não seria melhor se repartissem esses excessos por aqueles que nem o pão quotidiano possuem?

Porque não sacrificarmos um pouco dos nossos interesses pessoais, pedindo ao Senhor o pão quotidiano para todos os nossos irmãos, que o não têm?

Seria tão bom que nós vivêssemos, não daquilo que

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 63.450 exemplares.

Correspondência dos Leitores

«Por tudo de muito bonito que tenha lido em O GAIATO; pela voz persistente e desassomburada que continua a clamar justiça; pelo Cristo Vivo que nos é apresentado e pela minha fé e muita esperança de que este enorme amor aos outros se alimente.

Envio-lhe cheque. Peço que nas vossas orações incluam o meu pobre filho, e que peçam ao Senhor que o assista com o Seu Espírito.

Assinante 45864».

«Queridos amigos: Venho penitenciar-me da grande distração no pagamento da assinatura. Felizmente a chamada de atenção do Padre Acílio lembrou-nos do atraso.

Mais imperdoável é, pois, sempre que chega o Jornal a minha casa, a minha mulher e eu o lemos no mesmo dia. A ele devemos muitas horas de doutrina, oração e até algumas lágrimas. Para nós, foi uma das maiores Obras que Pai Américo nos deixou e que vós tão amorosamente continuastes.

Assinantes 10596».

«Meus queridos amigos: É mesmo assim que os considero, muito os admiro e compreendo como é difícil realizar tudo o que desejariam para esses rapazes, tão carentes, a quem tudo querem dar para serem no futuro, para eles e para a sociedade, elementos válidos.

recebemos, mas daquilo que damos, pois só assim nos engrandeceríamos.

Assim, assistimos, cada vez mais, a que o mundo caminhe para o deserto! Então, será que nós nos queremos encontrar no deserto só? Como é bom encontrar um amigo que nos estende a mão para que juntos possamos fazer a caminhada!

A Caridade torna-nos mais ricos. Não em bens materiais, mas nos espirituais e morais. E é por isso que nos torna herdeiros do trono de Deus.

Nós esquecemo-nos que somos filhos da Luz. E como luz que somos, devemos irradiá-la aos outros nossos irmãos. O termos muita coisa não deixa que essa luz trespassse e nos atravesse para que outros a vejam através de nós.

Temos que sacrificar os nossos interesses pessoais com o fim de que outros possam também ter um pouco de felicidade, ainda neste mundo.

É o que a nossa Conferência tenta assegurar aos amigos que visitamos. Que, pelo menos, eles possam ter o pão de cada dia. Mas, a maior parte das vezes, é com dificuldade que o conseguimos.

Custa-nos e lamentamos ver outros que, nas nossas costas, os exploram o mais possível. Ele são senhorios que lhes tiram o sossego metendo outros inquilinos a utilizar as mesmas instalações; ele são as agências funerárias que, valendo-se da sua inocência, os exploram até ao último centimo. Outra, que depois da morte do

marido, quer acabar com o contrato de arrendamento.

Lamentamos tudo isto e muito mais, mas estamos certos de que estamos no caminho da verdadeira Cruz e que esta é o martírio do coração e o infinito sofrimento da alma.

Devemos viver neste mundo como se nele houvesse somente Deus e a nossa alma, esquecendo-nos de tudo quanto é supérfluo.

«Pai, santificado seja o Teu Nome; venha a nós o Teu Reino; dá-nos, cada dia, o pão quotidiano».

Olga e Valdemar

PAÇO DE SOUSA

FUGITIVOS — São quatro: «Rola», Bruno António, Cláudio e «Fáfá». Fugiram durante a noite. Esperamos que voltem.

O Fábio voltou a fugir, na madrugada de sábado, 16 de Agosto.

VIDEIRAS — Andam a tirar as ervas daninhas das videiras, porque algumas já secaram. Depois desta limpeza esperamos que não sequem mais.

MÚSICA — Os rapazes estão, agora, divididos em três grupos; mas, seria hom que não desistissem, já que querem tê-la. Esperamos que a aprendam cada vez melhor.

Tiago («Pitinha»)

Porém, penalizo-me pelo meu atraso em regularizar o pagamento do «Famoso», que leio de ponta a ponta e de onde retiro lições muito válidas relativamente ao Próximo, que muitas vezes passam ao nosso lado sem sequer darmos por eles.

O vosso Jornal veio alertar-me do meu atraso, do qual peço as minhas desculpas. Junto envio um cheque, o que restar aplicação onde for mais necessário.

Gostaria de ser mais generosa, mas, neste momento, não me é possível. Oportunamente, renovarei envio.

Assinante 27411».

«Venho, por este meio, apresentar o meu pedido de desculpas pela falta de pagamento d'O GAIATO e agradecer pelo facto de mo terem enviado, quinzenalmente, sem interrupção.

É com alegria e muito interesse que leio o Jornal, embora pequeno no tamanho é grande no conteúdo, que tão bem me faz à alma, ficando cheia dessa «sabedoria» que transmitem.

Nos nossos dias é difícil encontrar uma publicação (jornal ou revista) que não esteja cheia de publicidade e artigos fúteis, em que no final da leitura nada de novo aprendemos. Ao contrário, todos os artigos d'O GAIATO são de uma riqueza que não se repete e de ensinamentos esclarecidos por quem é iluminado pela graça de Deus. Bem-haja, pois, e que Deus abençoe o vosso trabalho e vos dê coragem e, também, os meios necessários para a continuidade dessa grande Obra.

Eu sou mãe de uma menina de seis anos, a Ana Catarina, e de um rapaz de quatro anos, o João Paulo, e pensei em contribuir para a Obra da Rua com o abono deles, que enviarei mensalmente, por vale do correio. Estarei assim a investir no futuro dos meus filhos abrindo esta «conta» a favor de crianças carenciadas.

Assinante 62898».

Momentos

O Quaresma tem-nos dado «água pela barba». Simpático, inteligente, vivo, cheio de riqueza humana.

Ainda não chegou à adolescência. Os doze anitos não sinalizam puberdade. Mas tem sido uma trapalhada!...

É raro o dia que não surja sarilho. Ou porque foge ao trabalho, ou porque sai de Casa sem ordem, ou porque chega atrasado, ou porque andou a fumar, a pedir, etc.

Este ano não passou de classe, ele que tem capacidade para fazer dois anos escolares, num só tempo.

Tem o ouvido apuradíssimo. Uma voz segura e cheia.

No grupo dos sopranos, é o mais sólido, mas não pode ser contrariado. Perde-se imediatamente.

Os colegas da música vieram queixar-se que ele faltara ao respeito ao professor e fora posto fora da lição.

Quanto me dói o Quaresma?! — Quanto! —, só tu sabes, Senhor!

Fazia limpeza no meu escritório, mas... limpava tudo!

Uma, duas, três, quatro, muitas vezes! Até que teve de ser!, — foi substituído. Vêm dizer-me que ele anda, outra vez, a fumar.

O menino tem um apetite voraz do tabaco.

Naturalmente fumou muito no ventre materno para, nesta idade, sofrer tão forte inclinação.

Nunca damos, suficientemente, graças a Deus pelo equilíbrio do ventre que nos trouxe! Nunca...!

É preciso sofrer as trevas para vermos a Luz!

Com este rapaz tem havido inúmeros tribunais.

— Quem pode mexer no teu coração, Quaresma? Quem? — Quem vai lá dentro à tua consciência?

Os rapazes todos entendem estas perguntas e o silêncio domina. É importante este momento de pausa. Nada fala tão alto nestas alturas! Mas é necessário insistir, duas e três vezes, de olhos fixos nos olhos do adorado réu.

— Só eu!

— Sim, só tu e Deus, se tu deixares!

Não nos podemos cansar, nem desanimar, nem desistir.

A palavra da verdade tem muita força! É lá dentro que o nosso homem terá de se encontrar.

Padre Acílio

Malanje

Continuação da página 1

Um menino ao colo

VEIO, de manhã, com um menino ao colo. Que vinha visitar o irmão do menino que tinha vindo do Lombe e se chamava Armindo. «É irmão deste que eu estou a criar desde bebé» e apontou para o menino bem limpo e forte.

Perguntei pelos pais. Que os dois tinham sido mortos a tiro e as crianças tinham ficado sós.

Esta mulher, verdadeira mãe!, nem é da família dos rapazes e está criando o bebé por amor!

O Armindo tardou a aparecer — pois, para os nossos rapazes ele é o Cudialela... A senhora sorriu ao nome e beijou-o com ternura.

Padre Telmo

Setúbal

Continuação da página 1

Por se confiar tanto nela e tudo se lhe querer entregar, aumenta em cada indivíduo a irresponsabilidade. Cada qual sacode a responsabilidade. Cheira-se à distância esta mentalidade reinante.

Quem assume como seus aqueles que a vida abandonou? Por vezes um pouco de pena, mas quase sempre rejeição. Rejeição de quem os trouxe ao mundo; rejeição a sociedade: A máquina social que cuide deles!

Em tudo isto se vê a falta de amor. Esta a causa das grandes e pequenas deficiências da sociedade. Haja amor para acolher os pequenos, ao invés de os rejeitar.

Vai sendo este o corolário deste viver para o estômago e aqui permanecer. Falta subir um pouco, ao coração.

Também na Igreja vemos isso, nós que somos d'Ela. A vocação!, resposta de amor. Sem este não há aquela. E não há!

Vejo os nossos rapazes com O GAIATO nas mãos, procurando atear este fogo. Há muitas manei-

ras de incendiar; a nossa é esta. Mas é um fogo difícil de pegar. A matéria a arder anda muito gelada! A gente sopra, sopra...

Há países desenvolvidos que têm muitas prisões e muitos presos. Nós também nos vamos desenvolvendo... Estamos no caminho certo para nos aproximarmos deles. Mais frieza, menos amor, mais presos. O mais onde deveria estar o menos e vice-versa.

Porquê esta relação com os presos? Estes são os que não tiveram amor, que é como quem diz, pai e mãe, família e o pão para todas as fomes legítimas.

O homem só se deixa prender com as cadeias do amor. Das outras, foge delas. Por isso só por aquelas vale a pena trabalhar para as construir e tudo fazer pela sua edificação.

Quando vejo um jornal d'O GAIATO a ser recebido por alguém, das mãos do nosso Rapaz, vejo um abraço a ser-lhe dado, um sinal do acolhimento que lhe é devido. São estas as cadeias que é preciso construir.

Padre Júlio

DOCTRINA

Migalhas do Povo!



lições ao Mundo, assim como quem brinca; e a mim igualmente. Pelo que, a seu tempo, hão-de receber a sua mercê.

MAIS duas notas de 20\$00 no Passeio das Cardosas, de alguém que sorratamente as enfiou nas minhas mãos, à falsa fé; nunca tal me aconteceu! Mais 104\$00, «produto de uma subscrição numa ceia de Natal». Mais 25\$00, «o produto de uma subscrição que abri entre os meus camaradas de escritório». A grandeza moral destes blocos sobreleva a maravilha dos usados nas pirâmides do Egipto! Um dos nossos pequeninos cicerones conduziu à Aldeia uma família pobre que nos veio visitar. «São tão pobres e deram-me isto para as obras!», exclamou. Eram 7\$50. Não são de cimento armado as casas da nossa Obra; são migalhas do Povo! Mais 33\$00 de um grupo de antigos alunos da Escola Mouzinho da Silveira «para o gaiato que frequenta esta Escola». É o Júlio d'Elvas. Para melhor o proteger, aluguei casa no Porto. Ele há pais que se mudam para as cidades, com mira nos filhos que estudam; e ninguém lhes leva isso a mal. Espero que a mim também não.

O «Zé Alguém» anda à porfia com o «Zé Ninguém n.º 2», do Porto, e com o «Zé Ninguém», de Lisboa, e com o «Zé sem mais nada», também do Porto, e até com o «Zero», que há dias me apareceu. Estes todos e o do rolo das notas de cem nos peditórios do Porto e aquele dos cinquenta contos no Banco, todos estes senhores, mudos e silenciosos, dão grandes

MAIS 100\$00, do Porto; mais, entregues no Depósito, três bolos-rei, da Arcádia. Mais uma data de peúgas. Mais outra data das mesmas. Mais 52\$00, de uma subscrição. Mais um lindo barco à vela de um apaixonado. Mais mil escudos. Mais uma pancadaria de pacotes de roupas usadas e um especialmente com artigos próprios da nossa enfermaria e roupas para uso do enfermeiro e dos doentes. Mais uma peça de flanela de algodão. Mais vinte cobertores do mesmo material. Mais um rádio para o Lar do Porto. Nunca se topou agência que tanto trabalhasse para a causa dos Esquecidos da rua como trabalha o Depósito, na Rua dos Clérigos, 54 — Porto, por amor deles!

DE Matosinhos, recebemos de quando em vez telegrama de aviso e no dia seguinte vamos à estação de Cête por uma caixa de sardinhas. É uma oferta limpa e completa. Vai logo um dos nossos com um carro de mão, o delírio dos catraios, buscar a dita caixa do delicioso peixe. As merendas são apetite. É por ser comida de pobres que as mesas ricas não as querem; e até ultimamente, têm feito delas estrume — por ser comida de pobres! Senhores da traineira, nós somos pobres e comemos sardinha. Bem-haja pelo bem que nos têm feito.

O. Américo

(Do livro Pão das Pobres — 4.º vol.)

Património dos Pobres

Continuação da página 1

enviar-lhe a quantia de mil euros que corresponde à importância que gastaria numa pequena viagem de férias, da qual desisti. Continuem a ser um farol de luz intensa neste mundo podre que chafurda no vício, mas não tardará a descobrir, assustado, que sem a observância da Lei de Deus não há salvação possível para o ser humano.»

Sim, a Obra só quer ser farol de Luz divina segundo o preceito do Senhor: «Vós sois a Luz do mundo».

É só por causa dessa Luz que faz ver o Invisível na obscuridade do quotidiano e descobrir a salvação que Ela é.

Outra ferida. Agora de um gaiato antigo. Esta é Luz que reluz.

«A sua chamada à pedra na abertura do penúltimo Património dos Pobres não foi suficiente para me fazer cumprir de imediato esta pequenina obrigação que tinha assumido em relação ao caso da mãe heroína.

(...) Redobre, agora, com este seu continuar do Património dos Pobres, depois de Pai Américo e do nosso Padre Horácio (com um entremeio do Padre Júlio).

Creia que é com um sentido de comunhão e de gratidão que o digo e compreenderá bem porquê.»

Mais duas senhoras. Uma, vem pedir roupa porque está a construir a sua casinha e não pode gastar no vestuário para a família. Outra, vem aproveitar janelas e portas de alumínio que alguém desmontou e nos ofereceu. Que bom!

Padre Acílio

BENGUELA

O morro é uma tentação

SOBANCEIRO à nossa Casa do Gaiato, alberga um bairro com milhares de pessoas. É o bairro de Nossa Senhora da Graça.

Conhecemo-lo, à nossa chegada, com algumas dezenas de casas. O rebentar da guerra, com a fuga para o litoral das populações das aldeias do interior, fez do local um amontoado de casinhas construídas sem qualquer plano e com material provisório. São pessoas que vieram sem nada, a não ser os filhos como única riqueza. Desde que chegámos, abrimos as portas da nossa Casa e estendemos as mãos para se agarrarem e se manterem de pé. É o papel do pai e da mãe: dar a mão aos filhos até poderem caminhar sozinhos.

Tem sido uma passagem muito dura através do deserto criado pela guerra. A situação, entretanto, vai mudando para melhor. Nesta transição torna-se urgente a presença amiga e fraterna de alguém que anime e ande com quem quer andar. É preciso não olhar para trás. Vamos ajudar a sair do abismo da miséria, em que a maior parte do Povo caiu, os que dão sinais de vida e acreditam com esperança. Por isso, dizia no princípio, que o morro é uma tentação. Como foi uma tentação para Jesus Cristo sair pelas aldeias e povoados ao encontro de todos os que necessitavam da Sua presença

e queriam ser salvos. Ele não resistiu à tentação e foi.

Ontem, não resisti e fui pelo morro acima. O sr. Tomé Kasova ia à minha frente. Está connosco há vários anos e vive numa cubata com a mulher, os filhos, mais os porcos e os coelhos. Quer mudar de vida. Vai dar um salto pequeno. Não importa. É um passo em



Grupo de pequenos da Casa do Gaiato de Benguela de visita ao Museu etnográfico do Lobito.

frente. Primeiro, cobrir a casa com chapas, depois de um concerto para o futuro. Ele e a família passarão a viver em condições mais seguras. Os porcos e os coelhos terão lugar adequado. Depois, os filhos vão frequentar a nossa escola, nas mesmas condições dos filhos da Casa do Gaiato. Eis um projecto, já em execução, à medida daquelas pessoas para quem é.

Enquanto passava pelos carreiros, entre as casas, grupos grandes de crianças brincavam «à garrafinha» com a cara da cor do pó. Quem me dera que todas fossem à escola! Mas, não. Dezenas de milhar estão fora do sistema de ensino. Bendita a hora

em que lançámos mão à construção de mais uma escola! Já está a funcionar. Seiscentas crianças bebem todos os dias o leite da educação escolar. Tudo feito, queridos leitores e amigos, com a ajuda que pusestes e contínuas a pôr em nossas mãos. Nem o Estado, nem Organizações governamentais e não governamentais estão a dar qualquer apoio. O Povo de Portugal está presente de uma forma maravilhosa, porque efectiva e afectiva, no coração desta gente.

Outros projectos, sempre à medida das pessoas a quem se dirigem, irão por diante. A área da saúde está a preocupar-me muito. Vou compreendendo cada vez melhor porque é que morre tanta gente! Com certeza, na intenção de melhorar os serviços, foi estabelecida uma taxa monetária a pagar pelos doentes que buscam o atendimento hospitalar. É elevada, sem dúvida, para as possibilidades duma franja social muito significativa. Se não há quem ajude os doentes, ou não vão ao hospital e morrem, ou vão, mas não podem ser tratados devidamente porque não têm dinheiro para os medicamentos e outros. Cerca de mil pessoas estão também directamente dependentes da Casa do Gaiato nesta área tão importante da vida humana. Há momentos, a nossa carrinha foi servir de ambulância para levar uma rapariga à maternidade para dar à luz em situação extrema. Pus, antes, o dinheiro em suas mãos. São exemplos do «pão nosso» de cada dia.

Queremos estar presentes junto dos mais pobres (são maioria!), nesta hora de mudança. Sempre o fizemos. Agora, porém, com novo impulso para ajudar as pessoas a caminhar pelo seu próprio pé.

Padre Manuel António

O Banqueiro dos POBRES

SENDO o homem o elemento constitutivo da sociedade e a razão desta seja servi-lo em todas as dimensões da sua existência — que só nos homens, e por eles, ela própria se concretiza — a realidade é que sempre as sociedades tenderam a esquecê-lo (e daí a atropelá-lo) e esta tendência agudiza-se hoje, tempo de globalização, da hegemonia de novos impérios de grupos cada vez mais restritos sobre o resto da Humanidade.

O entusiasmo que nos despertou o conteúdo deste livro vem, justamente, da descoberta pelo seu autor de que o homem é o valor fundamental, também das teorias económicas; e a coragem de ir ao encontro dele e, a partir de males aque tornam tantos escravos da vida, investigar a pista do remédio. Remédio para cada um, porque há-de ser «fabricado» por cada um com o engenho e o labor próprios ao depararem uma mão que apenas os ajuda, de caídos, a pôr-se em pé; depois são eles a andar.

É fácil de entender outra espécie de oposição que este homem teve de sofrer para dar estrutura às descobertas que se iam sucedendo: a religiosa. Não bastando a que lhe levantavam do campo universitário de onde vinha, outros o acusavam de infiltrar cristianismo no seio de um povo islamita. Na verdade, toda a sua nova forma de ver e de pôr a economia ao serviço dos mais pobres para que o fossem cada vez menos, sabe a Evangelho. Trata-se de um processo de «redenção» oferecido no íntegro respeito da dignidade dos homens: a sua liberdade, o valor que em si mesmos eles são.

Jesus Cristo veio para o homem, para o redimir e fazê-lo novo. E renovado ele, também por uma consciência social que o dotava para horizontes mais largos e perfeitos, os do Reino de Deus — seria o homem o construtor da nova sociedade, recriada na «justiça e santidade verdadeiras», tal o modelo recebido do seu Mestre.

Mas não só nesta filosofia fundamental da acção se encontra paralelo do Evangelho. Toda a forma da acção (como espero teremos ocasião de reparar ao longo destas notícias) implica valores de fraternidade realizada em comunhão que são verdadeiramente evangélicos. O Deus de Jesus Cristo que Ele nos deu a conhecer como «Seu Pai e nosso Pai», é o Deus da Verdade, da Justiça, do Amor que, pelo Seu Espírito, não deixa de soprar no Islão... e onde houver um homem humilde que realize a sua liberdade deixando-se impelir por Ele. O Doutor Yunus nos dá o seu perfil religioso: «Nunca fui islamita, mas também nunca abandonei a minha cultura. Nunca quis ser tão radical ao ponto de não fazer as minhas orações ou de não mostrar respeito pelo Profeta».

Não tem, pois, nada de surpreendente esta sintonia com o Evangelho do plano libertador de que o Doutor Yunus teve a inspiração. Quantas outras experiências inspiradas não haverá, de que não temos conhecimento... E por elas só temos de que nos alegrar!

Mas há ainda outro aspecto na convicção e metodologia deste homem que as faz, a olhos de cristão, evangelicamente admiráveis. É a valorização do *pequenino*; a con-

fiança posta em meios de expressão irrisória para a vulgaridade dos conceitos e da prática do mundo. Nesta mente, para que «tudo valha a pena», só «a alma não pode ser pequena» — concordaria o nosso Poeta inspirado se tivesse conhecido estouta inspiração. E é exactamente esta grandeza de alma manipulando a pequenez dos meios que efectua o remédio, afinal possível e eficaz. «Possível, sim» — afirma, com certeza feliz, o Doutor Yunus, vinte e quatro anos depois de ter começado o GRAMEEN BANK. Foi em 1976 quando emprestou vinte e sete dólares a quarenta e duas pessoas que, com esse *pequenino* gesto de uma mão que lhes foi dada, principiaram a sua *guerra* de libertação da miséria. Em 2000, «era de dois milhões e quatrocentos mil o número de famílias titulares de empréstimos e o nosso desejo é vê-las ultrapassar o limiar da pobreza. Um terço já o conseguiu, outro terço está quase e os restantes estão no bom caminho. Vamos concentrar-nos nestas pessoas em vez de nos expandirmos mais; também porque já há outras organizações que concedem microcrédito e ainda há lugar para muitas mais».

Padre Carlos

PENSAMENTO

A criança doente manda duas vezes e outras tantas obedece quem nas serve por amor em qualquer modalidade.

PAI AMÉRICO

TRIBUNA DE COIMBRA

Regresso da praia

JÁ regressaram da praia os nossos mais pequeninos, os «Batatinhas». Chegaram morenos, bronzeados e felizes. Foram dias muito belos não só porque a proximidade do mar e a sua vastidão é motivo de descontração e reconforto, mas porque muitas outras presenças humanas lhe deram uma «moldura» de grande afecto, atenção e carinho. Referimo-nos, em primeiro lugar, à equipa de chefes que esteve atenta e foi eficaz. Depois, não podemos esquecer a preciosa ajuda dos jovens voluntários, as duas Suzanas, o Carlos, o Pedro e a Marta, que souberam preencher quase todos os tempos, de manhã à noite, com actividades recreativas e formativas. Um belo exemplo que também encheu de sentido as suas vidas e parte das suas férias. O resultado esteve patente na hora da despedida, tão difícil, tanto para eles como para os miúdos.

Muitas outras pessoas marcam presença concreta e material. Da Lentisqueira, terra que necessariamente se liga a esta casa de praia pela memória do Padre Horácio, vieram muitos géneros alimentares, feijão, fruta, hortaliças e saladas. Uma das pastelarias e padarias da praia, todos os dias nos ofereceu bolos e pão com fatura. Por estas razões todas sentimos obrigação de dar graças a Deus.

Acompanhámos também com tristeza a desolação que os incêndios têm semeado pelo País fora. À beira-mar esse sentimento torna-se mais forte. São contrastes impressionantes, o mar e a montanha, água e fogo; e, como diz o salmista: «Tudo louva o Senhor e obedece às Suas ordens...». Pena é que haja tanta falta de respeito pela vida nas suas fontes e suas manifestações concretas. Quando o homem se julga a si próprio dono absoluto da vida desequilibra-se e desequilibra tudo o que o rodeia. É o que parece acontecer no nosso mundo. Olhando a fúria dos mares e o ímpeto das chamas nas florestas quem não consegue perceber a revolta da Natureza, personificada, contra tantos atentados de que ela é vítima pelos desmandos e ambição doentia dos homens? É uma leitura possível de fazer... O tempo que vivemos é de reflexão e de solidariedade; também de oração e de contacto com Deus na fé e na caridade.

Padre João